

# OPINIÃO CATHARINENSE

JORNAL POLÍTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Ano . . . . . 53 000

PARA FORA

Ano . . . . . 63 000

Folha avulsa 200 rs.

As quintas-feiras de cada

semana, sob a direcção do

Dr. GENUINO FIRMINO VIDAL CAPISTRANO.

REDACTOR PRINCIPAL

## OPINIÃO CATHARINENSE.

Um anno de existencia de nosso periodico completa se com a publicação do presente numero.

A Opinião Catharinense apareceu para defesa dos principios conservadores que adoptamos e pugnar pelo engrandecimento e riqueza da nossa província, tendo sempre por guia a verdade, o bem e o justo, nas discussões encetadas contra um governo provincial esquecido do que devia a si mesmo e dos interesses vitais da terra de nosso nascimento.

Devendo entrar em seu segundo anno, a Opinião Catharinense promete não desviarse da norma trazida, e pela qual nos devemos conduzir.

Combatemos os abusos da administração passada, seus desatinos, seus esbanjamentos; defendemos os interesses da província; pugnámos pela execução das leis; nos esforçámos para ver inaugurada uma política generosa e conciliadora, e cremos será realizado em pouco este nobre desideratum do grande partido constitucional, hoje mais dividido que outr' ora.

pois de procellosa tempestade, porém, saiu-se o grande horizonte, e vencendo-se o governo goy o partido.

Os factos indicam um período de tranquilidade, sem o qual não podem existir alterações no organismo social ou político.

Catharinenses, nós, apenas ambicionamos a glória de ver a união do partido conservador e de prosperar e engrandecer-se a nossa província, desenvolvendo, ao lado de suas irmãs, os seus elementos de riqueza tão copiosos, outorgados pela mão da providência.

Agradecemos aos nossos assignantes a coadjuvação que nos têm prestado para o cumprimento de nossa nobre e ardua missão no mundo jornalístico, e com elles partilhamos os trophéos de nossas vitórias.

## A Amnistia.

Falevamos ainda hontem dos encontrados pareceres a que o magnanimo acto do Poder Moderador, que impôz termo nos processos resultantes da questão dos interdictos, tem dado lugar, e enquanto combatímos aquelles que intentam atribuir a esse acto efeitos que elle não tem por direito, mal pensavamo que teríamos hoje de entender-nos com outro escriptor que, a pretexto de defender a Amnistia contra a injustíssima censura de importar a confissão de erros reciprocos ou de alterar a essências dos factos a que se aplica, subtrahindo-lhes o carácter de delitos, arrisca evidentemente a causa que tomou a si, resvalando por um declive para fugir a outro.

Aquelles a quem temos combatido não conhecem, ou fazem por não conhecer a natureza dessa especialissima graca, que se chama a Amnistia, no dizerem que ella entende com o julgamento e com o facto para pôr patentes a injustiça daquelle e a innocencia deste.

Sabidamente tal não é o efeito dessa excepcional medida.

A Amnistia é o esquecimento, sómente o esquecimento, nada mais e nada menos do que o esquecimento. Tal a noção recebida desde as remotas fontes do antigo direito: *Inobligantia perfecta est abolition criminum.*

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

—  
—  
—  
—  
—

que ao juiz tenham escapado ou que o tempo veja a revelar, não é nem pode ser a Amnistia, que esta extingue o proprio crime, mas a commutação, ou o perdão no caso de ter o criminoso cumprido a pena que lhe seria por direito applicável.

Semelhante defeza é irritante e comprobada. A melhor justificação do acto da Amnistia, a mais conciliadora e a única verdadeira, é esta: — Ela não supõe a inocência nem o crime, não fulmina a condemnação nem a aprova, supõe o facto e iudica mais que o facto. Ela não encerra nenhuma reparação nem nenhuma esplendida confirmação.

Salva a vivacidade da antithese, que não escapa a reparos, eis a diferença do perdão para a Amnistia, segundo Peyronet: — « A Amnistia volve-se para o passado e o destrói até o primeiro vestigio do mal. A graça só entende com o futuro, e conserva no passado tudo o que elle sofreu e produziu. A graça supõe o crime e a condemnação, certa regularidade e certa justicia. A Amnistia não supõe nada salvo a accusação. A graça concede-se a aquele que com certeza foi culpado; a Amnistia concede-se a aquelles que podiam ser-o. »

Não é preciso mais, nós o cremos, para dissipar a falsa noção que o estrelínado sobre a Amnistia se encarregou de espalhar pelos vinte mil leitores do Jornal do Comércio.

Certo que não foi essa a defeza que o Sr. Zacarias pediu ao governo, — o governo tem com ella nada de comum.

## O legado funesto.

A actual legislatura está a findar o seu mandato.

Quem lhe honver recolhido os honrosos vestígios reconhecerá sem dificuldade que, em circunstâncias pouco favoráveis à actividade legislativa, ella realizou imenso trabalho, que a torna altamente recomendável à gratidão do paiz.

No meio de uma luta ardente, talvez unica em nossas annas parlamentares, por entre as naturaes dificuldades que ao manejo dos negocios suscita sempre uma oposição numerosa e rica de talentos, a legislatura actual resolveu um grande numero de problemas, decretou importantes reformas, adquiriu incontestável direito ás bens da patria.

Para não falar das leis aóprias, e são estas aliás as que de ordinario mais tempo consomem ao parlamento; para não falar das de orçamento, e não sabemos que outra legislatura tenha conseguido como a actual levar a termo tres actos dessa natureza; a legislatura de 1872 a 1875 poderá inventariar assim seus grandes serviços á causa publica:

Iniciou e decretou a importante reforma da guarda nacional, com que desobrigou o cidadão das ihuteis severidades de um regime semi-militar, quebrou um instrumento que se convertera nas mãos dos partidos em meio de compressão, e elevou e dignificou a missão dessa patriótica milícia a que a patria nunca fez baldado appello;

Rematou a discussão da lei do recrutamento com que substituiu a um inqualificável regimen, puro regimen do arbitrio, um sistema racional e justo que tende a um tempo a nobilitar a carreira das armas e a

o homem pobre do homem rico, o odioso mas indispensável tributo que o serviço militar exige;

Iniciou e decretou a reforma eleitoral, com que tornou permanentemente o direito instável do voto, tolheu quanto possível o arbitrio às mezas e juntas, alargou as incompatibilidades eleitoraes, creou as parlamentares, e por fim assegurou às minorias o meio de fazerm-se representar;

Votou a importante lei de 24 de setembro de 1873, autorizando garantia e fiança de juros a empresas provincias de viação ferrea; decretou a construção de extensas linhas ferreas na província do Rio-Grande do Sul, combinando os interesses commerciaes com os da defesa do Imperio; aumentou os tribunais de 2.ª instância, tornando uma realidade para muitas regiões a administração da justiça superior; providenciou sobre o abastecimento d'água a capital do Imperio, attendendo assim a uma necessidade de longo tempo reclamada; melhorou consideravelmente as condições do exercito e armada, as do magisterio superior e as de outras classes; submeteu a regras equitativas a promoção nas classes militares; iniciou a discussão de um importante projecto sobre a instrução publica; reduziu impostos, extinguiu outros, estendeu a navegação, autorizou grandes melhoramentos materiaes, como o dos portos, o da iluminação das costas e muitos outros.

Tudo faz crer, além disso, que as duas grandes necessidades do credito territorial e dos engenhos centraes serão ainda attendidas.

Terá a actual legislatura commetido erros; mas quem os não commette? Serão incompletas algumas de suas providencias; mas quem sioão o tempo pôde oferecer seguro criterio para aferir em todos os seus desenvolvimentos praticos da perfeição e sabedoria de uma medida? Terá deitado alguns ou muitos problemas por considerar; mas há alguem que, ao menos, se conheça a todos?

Tal é o funesto legado que a actual legislatura deixou ao país!

Mas há ali outra que, no dia de amanhã, pode invocar todos numerosos títulos de hennemacia! Qual tal?

Exiliaríamos desses camaras liberaes, esterilissimas, representantes de todas as brutalidades eleitoraes, que por unico legado nos deixaram uma guerra por acabar, uma guerra imprudente e impolitica, com todo o seu cortejo de males? O que mais nos deixaram elas e seus governos? Finanças arruinadas, encargos onerosissimos, o credito publico abatido, industrias a desfalecerem despauperadas de cem mil braços uteis, a liberdade confiscada, nenhuma reforma realizada, nenhuma ideia consagrada em acto, nenhuma tentativa generosa, a dívida acrescentada em centenas de milhares de contos, e sobre tudo isto um sistema severissimo de impostos entorpecendo todas as fontes da produção nacional.

Eliminasse de nossa história politica e financeira esse cruel periodo, não estivesse sua fatal influencia tão duramente representada nos quadros da nossa dívida, pudesse a industria ter capitalizado os grandes sacrificios com que teve de concorrer para alimentar a velleidade guerreira mais fúnesta que já fez correr sangue brasileiro, e grande numero dos problemas que nos affligem, encontrarmos a mais facil e natural solução.

Esse periodo foi medonho. A patria teve glórias militares durante elle, teve-as, glorias custosas, tingidas com o mais precioso do nosso sangue, mas lançou á conta de seu futuro tremendas responsabilidades, de que a nossa e a geração vindoura, não nos iludiremos uns aos outros, mal poderemos libertar-nos.

Os homens que nos deixaram esse legado, é de razão que achem funesto o que nós conservadores poderíamos entregar-lhes amanhã.

Não antecipemos, porém, o juizo da historia, que outro não ha de ser.

Graves erros podem ser excellentemente intencionados, e si nos nossos adversarios faltou o talento pratico do governo, esse

savoir faire a que não bastam as mais sedutoras theorias, o que de certo lhes não falecan, nem falecerá a nenhum partido no Brasil, foi sincero e ardente patriotismo.

Erraram, mas erraram sem o querer, em boa fé, como erraram os partidos.

Importa-nos pouco ou nada que a toda hora nos contestem elles esse amor á patria, que lhes reconhecemos.

A verdade tem direitos superiores á paixões do dia, e, antes de serem os cortezãos dessa popularidade a que tem necessidade de lisonjeiar, nada os partidos podem perder em fazerem-se reciproca justiça.

Tal era a nobre isenção de espirito de que desejáramos ver possuidos os nossos adversários ao instaurarem processos á actual legislatura, mas infelizmente esse é o sentimento que presentimos muito afastado das apreciações que temos aos olhos.

(Da Nação.)

## GAZETILHA.

**Príncipe do Grão-Pará.** — Na madrugada do dia 15 do corrente, S. Alteza a Princeza Imperial, den o esperado fructo de seu consorcio.

Nasceu um príncipe, que pelo art. 105 de nossa constituição política, tem o título de — Príncipe do Grão-Pará.

**O vapor Rio-Grande** entrou do sul, na manhã de 25 do corrente.

**Litteratura.** — Em outro lugar damos publicidade a um artigo litterario em que se trata do poema de Nicolau Varella, intitulado — *Anchieta ou o Evangelho das Selvas*.

**Vaccinas.** — Pelo commissariado do Instituto Vaccinico desta capital nos foi enviado um folheto relativo à vacina, assim de datumos publicidade em nosso jornal, o que fizemos com satisfação.

A variola ou bexiga é uma molestia que quasi todos os annos ceifa muitas vidas nesta província, e a vacina é um preservativo, no menos temporario, contra tão cruel molestia.

**Commissario vaccinador.** — O Sr. Dr. Duarte Paranhos Schutel é o commissario vaccinador nesta capital.

## Breves instruções

para as pessoas não profissionaes conhecereem e propagarem a vacina, assim como para extrahirem e conservarem a lympha vacínica.

A vacina, cow-pox na Inglaterra, shinach na Irlanda, picote na França, chichen-pox na Alemanha, é uma molestia que manifestase nas tétas das vacas por botões de corligeiramente azulada, rodeados de círculos avermelhados, e que degeneram em ulceras mais ou menos difíceis de cura.

Esta molestia que, inoculada no homem por meio de uma agulha ou de lanceta, dá nos pontos feridos pustulas de cor argentea, largas, achataadas, deprimidas no centro, cercadas de aureola inflammatoria, e que preserva-o da variola, se não para sempre, no menos por tempo ainda não determinado, toma o nome de vacina humanizada.

O líquido que se inocula é fluido, incolor, transparente, viscoso, salgado; dissecase com facilidade conservando uma apparencia brillante semelhante ao verniz ou à gomma. Este líquido denomina-se — lympha-vaccinica.

**Caracteres e marcha da pustula vacínica verdadeira.**

Distinguem-se duas sortes de vacina uma verdadeira e outra falsa.

A verdadeira é a única que preserva da variola; reconhece-se pelos caracteres so-

rição dos botões passam-s, pelo menos tres dias, durante os quais não se percebe quasi neohum traço da operação, do terceiro ao quarto dia, um pouco mais cedo no verão do que no inverno, distingue-se sobre cada pista um pequeno ponto vermelho, mais sensivel ao tacto do que à vista.

No quinto dia, a contardo da inoculação ou no segundo da erupção, o botão é um pouco mais pronunciado, sente-se debaixo do dedo um pequeno engurgitamento muito circumscreto; chegando ad sexto dia este pequeno botão cessa de desenvolver-se em ponta, alarga-se, achata-se, deprime-se no centro, e toma uma cor esbranquiçada um pouco azulada, que apresenta o reflexo da prata; ao mesmo tempo a sua base rodeia-se de um pequeno círculo vermelho, que se estende cada dia mais.

No setimo e oitavo dia os mesmos symptomas com mais algum desenvolvimento; a pustula apresenta a largura de cinco a sete milímetros de área, a cor branca ligeiramente azulada, rodeada de aureola vermelha mais ou menos extensa, depressão no centro, e termina-se por bordos duros, salientes e mais elevados que o resto de sua superficie. Nesta época é que a pustula encerra o liquido vacinal em todo o seu vigor e apto para ser inoculado.

No nono e no decimo dia a aureola alarga-se, toma uma cor vermelha viva, e estende-se de dezoito a vinte milímetros; as partes subjacentes engorgitam-se tanto quanto a aureola é mais ou menos extensa. Nesta época a maior parte dos vacinados apresenta as glandulas axillares um pouco engorgitadas e mais ou menos dolorosas, principalmente se é adulto; bocejos, calor mordiente da pelle, peso nos braços, aceleração nos pulsos, alternativas de vermelhidão e pallidez da face, é a época da febre. Em alguns estes symptomas são mais pronunciados e proporcionalmente ao grau de irritação local, apesar de não oferecerem perigo.

No undecimo dia a aureola diminui, a vermelhidão diminui, o halo principia a marchar, o reflexo argentino altera-se e torna-se pardacento.

No duodecimo ao decimo terceiro dia o botão desseca-se e transforma-se logo em crôsta dura, enegrecida e luzidia, que cahe do vigesimo ao vigesimo quinto dia, deixando uma cicatriz indelevel.

A cicatriz vacinal é redonda, impressa mais ou menos profundamente, irradiada, e com uma multidão de pequenos pontos negros. É tanto mais apparente quanto mais recente, e no perpassar do tempo confunde-se com os tegumentos, nunca apagando-se inteiramente.

## Falsa vacina.

A falsa vacina não preserva da variola. No dia seguinte à operação, e algumas vezes no mesmo dia, sobre cada picada apresenta-se um pequeno botão rodeado de aureola vermelha, desigual, cheia de vergões, não tendo a forma, a cor e nem a marcha da bona vacina, e em lugar de achatar-se e deprimir-se crescendo, vai sempre marchando em ponta, e toma um aspecto amarellado, muito semelhante ao da gomma. Abrindo-se um destes botões o liquido que corre é amarelo e purulento.

No fim de quatro, cinco ou seis dias, e algumas vezes mais tarde, a dessecção começa; a crôsta cahe sem deixar marcha alguma na pelle.

Apesar da falsa vacina não ter os caracteres e nem as propriedades da verdadeira, comodo é effeito do mesmo virus, que, ou é demasiadamente antigo quando se o emprega, ou é inoculado em pessoas que já tiverão variola, ou que foram vacinadas pouco tempo antes.

Ha ainda uma falsa vacina, que principia a desenvolver-se como a verdadeira, e caminhando do mesmo modo que ella até o setimo dia, termina-se do duodecimo ao decimo quarto, deixando uma cicatriz levemente apparente, mas sem os caracteres da verdadeira vacina — é a vaccinoide ou vacinella de Pierry e Land de Gras.

Nesta vacina não ha engurgitamentos

## Maneira de vacinar.

Pôde-se vacinar de braço a braço, ou com vacina conservada pelos meios abaixo indicados.

O virus vaccinico serve para inocular-se desde que o botão comece a desenvolver-se, mas é uso aplicá-lo do setimo ao oitavo dia, porque mais tarde elle é menos activo, a inoculação não dà bom resultado, e pôde produzir a falsa vacina.

Para extrahir-a fazem-se ligeiras picadas no botão, tendo o cuidado de não produzir sangue, e espera-se que a lympha appareça na superfície borbulhando lentamente.

Pratica-se a inoculação ordinariamente na face externa e superior dos braços.

Faz-se tres ou mais picadas em cada braço deixando entre elles o intervallo de vinte sete a trinta millimetros, afim de que as au-reolas não se confundam.

Para vacinar serve-se de uma lanceta ou agulha canellada, cuja ponta molha-se na lympha vaccinica; e com o instrumento assim preparado, segura-se com a mão esquerda no braço que se quer vacinar, de maneira que fique estendida ligeiramente a pelle, coloca-se o instrumento entre o pol-ligar, indicar e o mediano, e pica-se ligei-ramente a pelle quasi perpendicularmente.

E' de grande conveniencia não cobrir-se os braços logo depois da inoculação, e nem banhai-os sete dias.

Pôde-se vacciuar em todo tempo e idade mesmo durante a dentição, sobretudo se ha epidemia de variola no lugar.

Há individuos rebeldes à vacina, nos quaes deve-se repetir varias vezes a inoculaçao do virus, até que dê resultado; salvo porém, se já tiveram variola, porque o que não se obtém da primeira vez, pôde-se obter da segunda, terceira, quarta, etc., etc.

Um só botão é suficiente para preservar, mas se puder alcançar maior numero, tanto melhor, porque hoje está demonstrado que a preservação está na razão directa do numero de botões.

*Modo de obter e conservar o virus vaccinico em laminas de vidro, e de utilizar-se do virus conservado.*

As laminas são pedaços de vidro quadrados de dezeseis a vinte millimetros. Para depositar a vaccina, collocam-se alternativamente sobre um botão vaccinal largamente aberto, de modo que os pontos humedecidos se correspondem exactamente; repete-se esta pequena manobra duas a tres vezes, e depois de se ter dado ao virus vaccinico o tempo de tomar alguma consistencia, reúnem-se as duas faces humedecidas da lami-na e envolve-se estas em chumbo laminado.

Quando se quer utilizar do virus conservado em laminas, separa-se com uma faca os dous pedaços de vidro reunidos, molha-se a ponta da lanceta ou agulha em agua fresca e limpa e dissolve-se vagarosamente a lympha vaccinica; o que feito procede-se à vaccination como de braço a braço.

*Maneira de encher, conservar e servir-se dos tubos capillares com lympha vaccinica.*

Para encher um tubo capilar, faz-se picadas em toda a superfície da pustula vaccinal, chegada ao setimo dia de desenvolvimento, e formada que seja uma gotta de líquido, approxima-se della horizontalmente o tubo pela sua extremidade mais afilada, tendo o cuidado que ambas estejam quebradas, e que não exista em seu interior corpo algum estranho. Retira-se o tubo depois de absorvida a gotta formada, e não se torna a approximar-se da pustula senão quando uma nova gotta formar-se.

E' preciso sempre applicar-se à extremidade que principiou a absorver o líquido; porque, sem essa precaução, seria impossivel encher-o totalmente.

Algumas vezes acontece que a absorção cessa, ou porque o fluido se concreta na extremidade do tubo, ou então porque um dos diminutos fragmentos do botão veiu interceptar a passagem do líquido. E' preciso então quebrar uma meia linha ou mais da extremidade do tubo, e apertando-o entre o primeiro dedo e o indicador extrahir-lhe a

começar-se a mesma operação até que o tubo se encha. Quando não ha mais que dois millimetros de tubo a encher, lacra-se as duas extremidades, principiando pela que não recebeu o líquido, tendo o cuidado de no acto de lacrar, que a outra extremidade fique de encontro ao pollegar, impedindo assim que o virus com o calor se escape por ella.

Para conservar-se o fluido perfeito coloca-se os tubos com virus vaccinico bem lacrados dentro de um outro tubo cheio de glycerina ou óleo de amêndoas doces e fecha-se, envolvendo-o em papel escuro e pondo-o em lugar fresco, ou introduz-se o tubo capilar dentro de um canudo de penas, lacrando-se as duas extremidades, e envolvendo-os em laminas de chumbo.

Este líquido assim conservado pôde ser exportado sem temer-se que se quebram os tubos.

Para se servir desses tubos capillares, quebram-se as duas extremidades, applicase uma delas sobre uma lâmina de vidro, sopra-se com vagar peja outra, e procedese depois à vaccination, molhando a lanceta ou agulha no líquido que fica sobre a lâmina.

Instituto Vaccinico no Rio de Janeiro, em 13 de Janeiro de 1874.

O Inspector Geral, Dr. José Pereiro Rego.  
O Secretario, Dr. Pedro Affonso de Carvalho.

## LITTERATURA.

## Anchieta

## OU O EVANGÉLHO DAS SELVAS

Com este titulo já de si bem eloquente, acaba de sahir à luz o excellento poema do poeta brasileiro Niculão Fagundes Varella, tão certo e turbado aos carinhos da família e à admiraçao dos contemporâneos.

O poema dividido em dez cantos é uma commemoração fiel das scenas, ora perfumadas de poesia, resplendentas de luz, repletas de innocentes gosos e de delicias celestias, ora orvalhadas com o pranto da dor, cheias de angustias, de agouias e de horrores, representadas pelo Redemptor do mundo.

Inspirado na leitura dos livros santos, à cabeça povoada de imagens, o coração cheio de fé e os labios a entoarem jubilosos o canticos dos anjos ou a balbuciarem tremendo a ultima palavra do Condemnado da Cruz; o poeta conduz-nos como pela mão — da lapinha de Belém até o alto do Calvario, e do alto do Calvario até a mágica montanha do Sinai.

A vida de Jesus, seu nascimento, sua pregação, seus milagres, seus trabalhos, sua paixão, sua morte, sua resurreição e sua asseção gloriosa, são narrados, descriptos, pintados e celebrados com aquella inspiração que arrancava os mais doces acordes da harpa do Rei-Propheta, com a suave harmonia de um arroyo que desliza por um chão de flores, com uma verdade, uma fé, um sentimento tão elevado, tão santo, que nos commove, nos arrebata, nos seduz e chama sobre a cabeça do poeta o aplauso dos homens e as bençãos dos anjos.

Não sabemos se os versos do poeta christão, estão justamente aferidos pelas regras da arte, se falta aqui uma syllaba e sobra alli uma palavra, ou desviou-se elle da cadencia ou melhor diríamos da monotonía, que faz as delicias dos escravos da forma. Sabemos sim porque o lemos e o comprehendemos, que nesses cantos sublimes ha scenas edificantes, rasgos admiráveis, trechos mimosos, locuções brilhantes, vida, colorido, luz, amor, fé e entusiasmo pelo que pertence ao céu, e mais eleva-

Que beleza de imagens, que riqueza de expressões, que cores tão risonhas, que luz tão bella, que sombra tão amena, que tintas tão delicadas emprega o poeta para pintar a eterna primavera dos campos do Pyratininga.

Anchieta ou Evangelho das Selvas que nos lembra o mysticismo de Klopstock, a inspiração de Milton, e o brazileirismo de Fr. F. de S. Carlos, hâde viver, como ainda vivem hoje as obras dos varões illustres que celebraram as grandezas do Filho de Maria.

E por isso teve sobrada razão o poeta quando disse:

Oh! não! não morrereis, meus pobres cantos!  
Não passarás nas trevas, deslembra,  
Musa christã, que peregrina foste  
Pedir inspiração ao frio solo  
Do sombrio jardim das Oliveiras!  
E do suor do sangue te molhaste!  
Que subiste contrita, de joelhos,  
Beijando as pedras, inundando a terra  
De lagrimas de amor e de piedade,  
A terrível montanha do Calvario!  
Que entre os negrume de sinistra noite,  
Rotas as vestes, os cabellos negros,  
Soltos aos frios ventos do infinito,  
Junto ás santas mulheres pranteaste  
Sobre a lousa do Deos suppliciado!  
Que o viste erguer-se vencedor da morte,  
Buscar o mundo, consolar os tristes,  
Prometê-lhes voltar no fim das éras,  
E remontar aos céos em nuvens d'ouro!  
Hão de te honrar os homens e as idades,  
Senão por ti, por Esse, cujo nome  
Santifica teus cantos inaviosos!  
Passaras ao porvir, oh! casta Musa!

A prohecia do poeta ha de cumprir-se. Nós o cremos firmemente. A imagem desse missionário sublime que

Da noite as orações já terminadas,  
As gentes abençoa, e então começa  
Da Redempção a historia sacro-santa,  
Que a musa do poeta orhou de flores,

há de permanecer de continuo na imaginação dos crentes, como uma visão de cada de luz e o derramar o doce balsamo do amor e da religião no íntimo d'alma.

E o poeta com o seu cortejo de cantos sonoros, de doces rumorejos, de flores perfumadas, de fructos, de orvalhos, de luz, de sombrás e de tudo quanto ha de bello, de seductor e de santo, que compõe o seu poema, será lembrado com orgulho, admirado com respeito e abençoado com effusão.

Fagundes Varella, quebrando a lyra que inspirou a Byron, que fascinou a Alvares de Azevedo e que o ia arrastando para o abyssmo do scepticismo, rehabilitou-se e pôde conceber e concluir esse poema christão que é o seu glorioso epitaphio e será lido com amor e entusiasmo por todos os brasileiros.

Dorme tranquillo infelizado poeta! Exaltaste e glorificaste nos teus versos Aquelle, que retribue cento por um, e que recebeste com a mais viva fé e acontentamento no supremo instante da existencia, não temas pois, que elle consinta no esquecimento do seu nome cá na terra, quanto já terá recompensado a tua obra lá no céo.

Não passarás nas trevas, deslembra,  
Musa christã, que peregrina foste  
Pedir a inspiração ao frio solo  
Do sombrio jardim das Oliveiras!

Passaras ao porvir, oh! casta Musa!

A. M. dos Reis.

## INEDITORIAES.

O Sr. Paulo André anda no mundo da lua.

No Despertador de terça-feira, 26 de

com uma enfiada de interrogações aéreas, a procura de respostas, aqui, ali, acolá, e cada vez mais embaraçado se acha no labirinto em que meteu-se.

E que o sr. Paulo André anda no mundo da lua, ou faz-se de amode boba para enganar os ladinos.

Começa o sr. Paulo André a perguntar porque se calla, o Conservador quando todos o falam idem.

Ninguém aggriide ao Conservador, bichinho inofensivo, a não ser o sr. Paulo com suas pungentes interrogações; lá, «ela estar caladinho, é porque bem sabe onde o sapato lhe aperta, e que ignora o ladino do sr. Paulo André».

E admira-nos como o sr. André, achando o Conservador sizudo, apezar de andar ainda de cueiros, deseja vel-o a dar tábua contestando inverdades escriptas.

Não se afflija, sr. Paulo, com o silencio do Conservador, porque logo.... ha de comprehender estes mysterios insondáveis, causa de tantos suspiros e de tantas aflições.

Mas todas as artimanhas do sr. André tendem a esta conclusão: que o Conservador disse: A reunião fez-se (é exacto); a união decidiu-se (é falso); a chapa organizou-se. (Em Palacio?) E' mentira, falso, portuguez castiço.)

E nem se afflija o sr. André com a união do partido conservador, pois que se ella não se fez, como consta da reunião do dia 13, e do protesto assignado por trinta e tantos conservadores influentes e independentes, logo mais ha de realizar-se. Espere um pouco sr. André, o sr. anda no mundo da lua.

A chapa não organizou-se em Palacio; pois que s. ex. declara, não a este ou aquelle; mas a todos, a Gregos e a Troyanos: que a reunião foi feita para congressar-se o partido, o que não pôde conseguir; que elle não intervem na eleição; que não é chefe de grupo; que todos são conservadores e tanto faz que vença Pedro ou Paulo, o rabinho; que não veio proteger a grupo nenhum. Declarou mais s. ex. na reunião de dez que não se tratava alli de organização de chapa; que o governo ainda não tem candidatos.

Agora quem falla a verdade, o Conservador, o sr. Paulo André, ou s. ex.?

Não podemos acreditar que o sr. dr. Bandeira de Mello diga a muitos uma cousa, até em reunião, e depois diga outra cousa ao sr. André.

Não use de mentiras (portuguez puro) o sr. Paulo André, porque comprometem a s. ex., digno de consideração e respeito, pelo modo porque se porta na administração da província.

Si s. ex. falla desse modo, dizendo que deixa a eleição correr livre, e que é este o único meio de congressar o partido, declarar-se ao contrario disto, não passa de uma pequena intriga, mas de graves consequências contra s. ex.

Elles não trepidão em meios, bem o sabemos; mas dizer que a chapa foi organizada em palacio, ou que aquella é a chapa do presidente, cousas que nunca se presenciaram em Santa Catharina, a ilha dos casos raros, e espalhar-se esta corriola por toda parte da província, — é uma acusação tremenda contra s. ex.

Si s. ex. protegesse o grupinho Eloy (a quem subordinou-se o sr. Oliveira), por que é que não se vê o sr. Eloy em Palacio? Vai por terra a Itajahy, quando o vapor para ali seguia, conduzindo a s. ex.? porque o sr. Rosas vive retirado, o sr. José Delfino escondido, o sr. Ratnos Junior desaparecido?

Não vê o sr. Paulo que ali ha cousa, e o sr. anda no mundo da lua?

O Conservador bem sabe que as cousas não estão só de rosa, e por isso diz lá com

os seus botões, que o melhor é estar calladinho, até que os mysterios desapareçam, virando o grupinho de catrambias.

Si testemunharam o facto da reunião politica em palacio, com o fim da união conservadora, pessoas importantes do partido conservador desta capital, e si pessoas importantes não testemunharam, nem assistiram, nem tomaram parte nela; é desnecessário que o Conservador nos venha dizer cousa já tão conhecida do publico.

E está o sr. Paulo André a affligr-se com o silencio do Conservador, ou altitude sympathica; não se afflija, que logo..... elle desaparece.

O sr. Paulo André quer ver se descobre os mysterios, e entra a considerar a politica na corte, e conclue estas suas considerações em as seguintes palavras:

«Preparados como estavão os elementos, pelos acontecimentos que tiveram lugar na corte, a junção do partido (do dito, sim, mas do partido.— não) era um facto re-olvido.» (Que resolução! Pobres de espírito, não vêm que o sr. Eloy foi por terra a Itajahy, o Rosas, e o Delfino — et magna comitante eaterva, já cheirão a defunto.)

Colloque-se o Conservador, prosegue o sr. André, depois de tomar uma pitada de Paulo Cordeiro, na sua posição, e, remendo com mal entendidas conveniencias, sustente fraudamente a reunião do dia 10.»

Mas a que vem isto, ou o que quer isto dizer, sr. André?

O Conservador não pôde sustentar essa reunião — nem fracamente, quanto mais francamente, comprehende?

Fique certo o sr. Paulo André, que sem o governo provincial o Conservador vai à garra, e o governo provincial não pôde sustentar o grupinho, o que é cousa muito sabida, e ignorada apenas pelo sr. Paulo André que vive no mundo da lua.

Os restinhos da fumaça de João Thomé vão acabar-se. Não se afflija, que logo... ha de ver tudo bem claro; e bem claro ja tudo estaria, si o João Thomé tivesse ido ha mais tempo.

O rabinho é o que custa a esfoliar; mas não tenha pressa, lá havemos de chegar — piano, piano se va longano —, nem por muito madrugar amanhace mais cedo, e mais vale a quem Deus ajuda do que a quem muito madruga, sendo certo que quem madruga Deus ajuda.

Tudo isto é bom que aconteça para conhecer-se os homens.

Sr. Paulo, o sr. vem tarde, com umas sumas que bem de pressa vão ser dissipadas; e por isso só lhe posso oferecer, para tirar os humores do seu cerebro aladiço, uma pitada de

Paulo Cordeiro.

P. S. — O Conservador de hontem promete responder-lhe.

Área Preta.

#### Chapa para deputados provinciais apresentada pelo Mingote:

- 1.º Fábrica de Sabão e Vellas
- 2.º Na Província de Santa Catharina
- 3.º Grande redução de preços e grande economia para as famílias
- 4.º Motta & Costa
- 5.º Proprietários da fábrica de sabão e vellas da província
- 6.º Deliberaram-se a fazer grande redução nos preços do sabão, visto terem de trabalhar com maior escala
- 7.º E para que todos gozem da redução de preços
- 8.º Vendem por atacado e a varejo nos depósitos abaixo mencionados
- 9.º Para os quais chama a atenção do público desta capital
- 10.º No deposito da fábrica

- 11.º Vende-se a varejo sabão e vellas nos seguintes depósitos
- 12.º E no estabelecimento da fabrica, na Prainha
- 13.º A varejo até de uma caixa, pelos seguintes preços
- 14.º A varejo em libras ou kilos
- 15.º Garantem como já é conhecida
- 16.º A excellente qualidade de sabão e vellas que vendem.
- 17.º Em tudo muito superior
- 18.º Ao que vem importado para a província
- 19.º E que não podem ser vendidos
- 20.º Pelos preços acima citados.

Esta chapa é apresentada pelos seguintes senhores:

- 1 Partidas de mais de 20 caixas de sabão amarelo marca 1.º de 190 rs. o kilo, passa a 570 rs. o kilo
- 2 Partidas de mais de 10 caixas de sabão amarelo marca S de 240 rs. o kilo passa a 720 rs. o kilo
- 3 Partidas de mais de 10 caixas de sabão caboclo marca S C (sociedade do cobre) de 240 rs. passa a 720 rs.
- 4 Partidas de mais de 10 caixas de sabão massa marca M de 350 rs. passa a 18050 rs. o kilo
- 5 Partidas de sabão rajado marca II de 48000 a caixa passa a 128000 rs.
- 6 Partidas de mais de 10 caixas de vellas de 8 — de 88000 a caixa, passa 248 rs.
- 7 Sabão amarelo marca 1.º de 200 rs. o kilo vender-se-ha a 600 rs. o kilo.
- 8 Sabão amarelo marca S de 250 kilo — vender-se-ha a 750 o kilo.
- 9 Sabão amarelo marca SS de 250 — passa a 750 o kilo.
- 10 Sabão massa, superior, marca M. de 360 rs. passa a 18080 rs. kilo.
- 11 Vellas da terra de 360 a duzia passa a 18080 rs. duzia.
- 12 Sabão amarelo marca 1.º de 100 rs. a libra passa a 300 rs. a libra
- 13 Sabão amarelo marca S de 120 passa a 360 a libra.
- 14 Sabão marca M de 200 rs. libra passará a 800 libra.
- 15 Vellas de forma de 8 de 400 rs. duzia passará a 18200 rs. duzia.

Eis o que quer o grupinho dos quinze aqui assignados.

Votem nelles, e não teremos mais sabão, nem vellas de fóra; e serão todos obrigados a comprar só alli, e então como único vendedor—os freguezes serão esfolados.

#### A outra chapa quer

- 1.º oppor-se ao monopolio do commercio.
- 2.º Acabar com o imposto do kerosene.
- 3.º Acabar com o imposto do fumo.
- 4.º Acabar com o imposto da carne secca.
- 5.º Acabar com outros impostos desta ordem, que servem apenas para encher a barriga de 3 ou 4.
- 6.º Defender os interesses da província.
- 7.º Auxiliar a lavoura por meio de estradas que facilitem o transporte para o mercado consumidor.
- 8.º Oppor-se a qualquer violencia contra os direitos do cidadão.
- 9.º Dotar a província de boas leis.
- 10.º Acabar com as cousas inuteis.
- 11.º Fazer leis tendentes a melhorar a sorte dos professores publicos e particulares.
- 12.º Desenvolver a instrução publica primária e secundária.
- 13.º Auxiliar as localidades, attendendo as suas necessidades.
- 14.º Auxiliar os vigarios, para que em suas freguezias sejam reparadas as igrejas, e o culto divino não pereça pela incuria que tem havido por parte dos governos provinciais.
- 15.º Promover o mais possível o engrandecimento, prosperidade e riqueza da província.